

# DE OLHO NO MUNDO EDITADO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE LEITURA CRÍTICA DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO E PRODUÇÃO DE BENS MIDIÁTICOS

Juliana Pádua Silva Medeiros<sup>1</sup>

*O mundo a que temos acesso é este, o editado. É nele, com ele e para ele que se impõe construir a cidadania. O desafio do campo é dar condições plenas aos receptores, sujeitos ativos para, ressignificando-o a partir de seu universo cultural, serem capazes de participar de uma nova variável histórica.*

Maria Aparecida Baccega

## Introdução

Nos últimos séculos da grande marcha humana, a sociedade vem experimentando céleres e profundas transformações, o que acaba esculpindo novos paradigmas nos modos de sentir, agir, ser, pensar e se comunicar.

Com as revoluções tecnológicas, por exemplo, desdobram-se processos comunicativos cada vez mais complexos, os quais instauram/rearticulam novas formas de produção, circulação e recepção das linguagens: “[...] a conjugação das telas de televisão, computadores e videogames está familiarizando as novas gerações com os modos digitais de experimentar o mundo, com estilos e ritmos de inovação próprios destas redes.” (CANCLINI, 2005, p. 237).

Tal interação entre o homem e técnica desencadeia, então, mudanças expressivas no âmbito cultural, histórico, político, econômico e das relações humanas, fomentando o surgimento de uma sociedade interplanetária, transnacional, interativa, cujo arranjo organizacional assemelha-se a uma grande teia que interconecta o globo em uma espécie de urdidura sem centro e sem periferia.<sup>2</sup>

Diante dessa era hipercomplexa, percebe-se que princípios como liberação do polo de emissão, conexão em rede e estruturas híbridas acabam impulsionando alterações nos níveis sensoriais, perceptivos e simbólicos das inumeráveis situações comunicativas e de interpretação do mundo, ao ponto de pleitear uma nova ecologia cognitiva e até mesmo a atualização dos parâmetros educacionais.

Sob essa esteira, verifica-se que o grande desafio da educação, no terceiro milênio, é abordar tal complexidade de vida e de pensamento, pois cada vez mais o ser humano está imerso em um mundo editado, o qual “[...] é redesenhado num trajeto que passa por centenas, às vezes, milhares de mediações, até que se manifeste no rádio, na televisão, no jornal, na cibercultura.” (BACCEGA, 2011, p. 11)

Nessa senda, o presente relato de experiência busca discorrer sobre um projeto de investigação realizado em 2015, no Ensino Médio, no Colégio São Domingos, cuja proposta era promover a leitura crítica dos meios de comunicação e a produção de bens midiáticos, pois:

---

<sup>1</sup> Universidade de São Paulo e Colégio São Domingos, São Paulo, São Paulo, Brasil. E-mail: [julianapadua81@gmail.com](mailto:julianapadua81@gmail.com).

<sup>2</sup> Cabe sublinhar que tal fenômeno impõe uma globalização perversa à maior parte da humanidade. Por isso, é mister garantir a participação ativa do sujeito nos processos de construção dos sentidos, como uma espécie de gesto libertário.

Somente assumindo os meios como dimensão estratégica da cultura hoje é que a escola poderá interagir, em primeiro lugar, com *os novos campos de experiência* sugeridos da reorganização dos saberes, dos fluxos de informação e das redes de intercâmbio criativo e lúdico; pelas hibridizações da ciência e da arte, do trabalho e do ócio. E em segundo lugar, com *os novos modos de representação e ação cidadãos* que a cada dia mais são articuladores do local com o mundial. (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 52 e 53).

Convém destacar que, se no início desejava-se intensificar o diálogo com a cultura midiática, ofertando oportunidades para que os educandos viessem a produzir narrativas autorais com o uso de novas linguagens e de dispositivos tecnológicos, ao final do primeiro semestre, percebeu-se que a escola deve ser capaz de compreender os meios de comunicação para além do universo da informação e da produção de conhecimento, uma vez que eles passam também pelas relações interpessoais: “[...] a comunicação se tornou mais uma questão de mediação, questão de cultura e, portanto, não só de conhecimento, mas, de re-conhecimento” (MARTÍN-BARBERO, 1997, p. 16).

Nesse movimento para tentar propiciar uma educação cidadã e emancipatória, evidenciou-se que:

[...] o estreitamento do diálogo da instituição escolar com os meios de comunicação deve ocorrer numa cifra tensa que não coloque no lugar dos necessários procedimentos analíticos a pura incorporação acrítica de formas, conceitos e valores. Posto de outro modo, quando o professor utiliza o *slogan* publicitário, o texto do jornal ou o programa de rádio como exemplos de aula ou material subsidiário para ilustrar certo evento histórico, algum acontecimento do impacto público, uma demonstração científica e mesmo determinado tópico do ensino de língua nativa ou estrangeira, espera-se que ele não esteja apenas querendo adicionar mais colorido e “modernidade” a um quadro esmaecido e cuja cor está se desfazendo pela ação do tempo. Trazer o *slogan* provocativo ou o filme de publicidade que faz sucesso, para animar tópicos programáticos, implica operar com tipos de mensagens que se constituem em totalidades significativas dotadas de propriedade lógica quanto aos processos de produção, circulação e alcance pragmático. O componente discursivo de uma instituição – a publicidade, por exemplo – é, desse modo, posto à disposição de outro lugar discursivo, o da escola, também ele possuidor de uma lógica operacional organizada em torno de relações cronotópicas e de produção do conhecimento que são distintas das colocadas em circulação pelos *media*. (CITELLI, 2000, p. 144 e 145).

### Descrição do projeto pedagógico

À luz das discussões teóricas de Maria Aparecida Baccega, por volta de vinte alunos agruparam-se em uma sala multisseriada para investigar o mundo editado<sup>3</sup> a partir de exercícios de ver<sup>4</sup> e de produção midiática. Tal projeto levava em conta que:

---

<sup>3</sup> Consoante Baccega (2011), o mundo editado é aquele que se conhece através das mídias, isto é, a partir da subjetividade de quem produziu o conteúdo. Segundo a autora, o desafio do educador, na contemporaneidade, é dar condições ao aluno para que este possa entender o mundo através de sua própria subjetividade.

<sup>4</sup> A expressão EXERCÍCIOS DE VER faz uma brincadeira linguística com o título de um livro de Jesús Martín-Barbero e Germán Rey. Dessa forma, o vocábulo VER deve ser compreendido de forma alargada, abarcando quaisquer bens midiáticos. Sob esse veio, a experimentação do “mundo construído” configura-se como uma prática constantemente questionadora.

Se o mundo a que temos acesso é este, o editado, é nele, com ele e para ele que se impõe construir a cidadania. O desafio, então, é como trabalhar esse mundo editado, presente no cotidiano, que penetra arduamente em nossas decisões e que, pela persuasão que o caracteriza, assume o lugar de ‘verdade’ única. (BACCEGA, 2004, p. 124 e 125)

Por isso, sob a forma de um mosaico para a produção de conhecimentos, o projeto vislumbrou traçar a configuração da chamada era da informação; delinear o perfil cognitivo e social da geração z; conhecer a história da civilização escrita por meio da comunicação entre os homens; observar a evolução dos modelos comunicacionais, do papel do receptor e da interatividade; inteirar-se sobre novas formas de partilha da cultura, da arte e do conhecimento; compreender a complexidade do que se entende como autoria na contemporaneidade; analisar a interdiscursividade nos derives éticos, estéticos e políticos; refletir sobre o impacto das redes sociais; entender como funciona o efeito bolha; compreender o fenômeno transmidiático; identificar as diferenças entre os nativos e imigrantes digitais; exercitar um olhar crítico sobre publicidades, noticiários televisivos, mídia impressa e virtual; conhecer algumas técnicas/recursos de produção midiática; elaborar individual e/ou colaborativamente produtos midiáticos; discutir sobre censura, direitos autorais, liberdade de expressão, telenovela, publicidade infantil, entre outros.

No que tange à leitura crítica dos meios, os alunos foram convidados a refletir sobre a construção dos sentidos em textos verbais, imagéticos, sonoros, audiovisuais e hipermidiáticos a partir de uma pesquisa-ação sobre os discursos imbricados, pois uma educação de cunho humanista “[...] desvenda criticamente em cada mediação escolar (livro, filmagem, ferramenta comunicativa) o bom que existe no mau e o mau que se oculta no mais sublime. Porque o humanismo não se lê nem se aprende memorizando, mas por contágio.” (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 13).

No veio da produção midiática, destacou-se que a verdadeira comunicação não admite um discurso único, mas sim a possibilidade de muitas vozes. Por isso, foram experimentadas – de maneiras críticas, criativas e colaborativas – diferentes possibilidades de expressão: esquetes<sup>5</sup>, fanzines, cartazes, entrevistas, vídeos de bolso, animações, histórias em quadrinhos, agência de notícias, entre outros.

Ao longo do ano, foi possível vislumbrar o protagonismo juvenil em muitos momentos, como na elaboração da comunidade, no *Facebook*, *Caça às bruxas*<sup>6</sup>, em que os membros do grupo não se figuraram como meros executores de tarefas, mas como atores principais no processo comunicativo, determinando o que e como fazer.

Convém negritar que as alunas responsáveis pela comunidade supracitada, mesmo após a conclusão do 3º ano do Ensino Médio, continuam alimentando a página no *Facebook*, à exemplo da produção de um *meme* sobre atual gestão do presidente interino Michel Temer (leitura crítica dos meios de comunicação + produção midiática).

A partir de uma pesquisa dos casos *ciberbullying* noticiados na mídia, ocorreu também uma grande sensibilização dos educandos. Tantos os filmes a respeito da temática quanto as leis acerca dos crimes virtuais foram disparadores para uma empatia coletiva com as vítimas. Engajados, os discentes trataram do assunto por meio de folhetos e vídeos informativos.

No mais, compreendendo a importância de uma proposta educacional alinhada com a produção cultural na atualidade, o projeto buscou estimular a criação de bens midiáticos, não

<sup>5</sup> Disponível em: <<https://youtu.be/bFmaSVNWLdM>>. Acesso em: 30 ago. 2016.

<sup>6</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/Ca%C3%A7a-%C3%A0s-Bruxas-992970317437263/timeline>>. Acesso em: 10 jun. 2016.

os subordinando necessariamente às tecnologias recentes, mas as novas formas de sentir e perceber o mundo.

Em um primeiro momento, os alunos experimentaram alguns procedimentos comuns no “mundo editado”: manipulação midiática (inverter os sentidos na edição), vídeos virais (disparar um conteúdo que atraía muitas curtidas), entrevista tendenciosa (editar perguntas para as respostas) etc.

Sob um outro prisma, para além da compreensão da lógica produtiva, os estudantes foram convidados a se conectarem com a realidade social. O caso do garoto sírio, portanto, foi um grande disparador para articularem diferentes linguagens e se posicionarem acerca do naufrágio da humanidade por meio de cartazes. Em outra atividade, através da paródia e da adequação de linguagem, os discentes também brincaram com o universo das capas de revista (nicho x conteúdo).

Tais experiências permitiram aos alunos evidenciarem a pluralidade, a polifonia, a complexidade das linguagens postas em circulação social, bem como a potência do signo em construir sentidos.

### **Considerações finais**

Com base nas experiências mencionadas e nos apontamentos de Morin (2000), para o qual é papel da educação conservar a ideia de unidade da espécie humana, observou-se que, quanto mais os jovens estavam envolvidos no processo de (re)elaboração do itinerário de investigação, mais se aparentavam felizes, participativos autônomos, críticos, criativos, solidários uns com os outros, livres para se expressarem e co-responsáveis com a criação de ecossistemas comunicativos abertos e democráticos.

Beatriz Thomaz de Paula, aluna do 1º ano, em depoimento, pontuou: “Estou há um ano no projeto *Mundo Editado* e nesse tempo cresci em termo de senso crítico e me tornei melhor entendedora do mundo. [...] Tive a oportunidade de mostrar minha opinião sobre assuntos que antes não conhecia e entender de perto como funciona o mundo editado.”

Em linhas gerais, as reflexões acerca das experiências/vivências no projeto *O mundo editado* permitiram observar que as leituras críticas e os produtos dessa investigação possibilitaram vislumbrar não apenas (inter)subjetividades, mas também a participação ativa dos alunos no processo de ensino e aprendizagem, pois - através da abordagem baseada em problemas, os estudo de caso, as produções colaborativas, as análises de (cont)textos, as traduções e as simulações – os estudantes defrontaram-se com os paradoxos, a provisoriade do saber, os movimentos alineares e multidirecionais nos ecossistemas comunicativos, ao mesmo tempo em que se (trans)formaram em sujeitos ativos: aptos a lerem e confeccionarem produtos midiáticos.

### **Referências**

BACCEGA, M. A. Da comunicação à comunicação/educação. **Comunicação & Educação**, São Paulo, v. 7, n. 21, p. 7-16, 2011.

\_\_\_\_\_. Comunicação/educação: apontamentos para discussão. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 119-138, nov. 2004.

CANCLINI, N. G. **Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

CITELLI, A. Comunicação e linguagem: diálogos, trânsitos e interditos. **Revista Matrizes**, São Paulo: ECA/USP, ano 2, n. 1, p. 13-30, 2008.

\_\_\_\_\_. Educação em tempo de comunicação. In: **Comunicação e educação: a linguagem em movimento**. São Paulo: Senac, 2000.

MARTÍN-BARBERO, J. **A comunicação na educação**. São Paulo: Contexto, 2014.

\_\_\_\_\_. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

\_\_\_\_\_. REY, G. **Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva**. São Paulo: SENAC São Paulo, 2001.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2000.